ANÁLISE DO SISTEMA DE PRODUÇÃO DE FEIJÃO DE INVERNO NO ESTADO DE SÃO PAULO, 1980

Valquiria da Silva
Tercio Ruiz Ruggeri
Daniel Ribeiro Jr.
Alfredo Tsunechiro
Devancyr Apparecido Romão

Na produção mundial de feijão, segundo dados da Organização para a Agricultura e a Alimentação (FAO) o Brasil se coloca como terceiro país maior produtor, tendo participado com 15,5% da produção total no triênio 1977-79. Contudo, o volume produzido no País tem sido insuficiente para o atendimento da demanda interna, havendo necessidade de importações sistemáticas desta leguminosa, na tentativa de se amenizarem os problemas de abastecimento.

Medidas de apoio têm sido tomadas pelo governo, no curto prazo, tais como Políticas de Preço Mínimo, Crédito Agrícola, cobertura do seguro em 100% pelo PROAGRO e, mais especificamente neste ano, o plantio obrigatório de feijão em 5% a 10% da área plantada com café e cana, visando um aumento de produção. No entanto, a crise vem se agravando ano a ano, sendo que a produção encontra-se estabilizada em torno de 2,0-2,2 milhões de toneladas por ano, tendo ocorrido, inclusive, quedas no rendimento por área e diminuição de 30%, nos últimos 10 anos, da disponibilidade per capita do produto. Provavelmente, isso vem a ser reflexo do caráter de subsistência no qual esta cultura tem sido produzida, com cultivo quase que exclusivamente em pequenos estabelecimentos agrícolas, sendo comercializado o excedente gerado. Outros fatores seriam: a carência de pesquisa de novos cultivares mais resistentes e produtivos, e problemas referentes à multiplicação das sementes básicas já desenvolvidas, em quantidade suficiente para o atendimento da demanda. Hoje, devido aos altos preços que o produto tem alcançado, observa-se uma tendência de produção voltada para o mercado.

Na produção de feijão, no Brasil, o Estado de São Paulo se coloca como terceiro maior produtor, com uma área plantada na safra 1979/80 de 402,3 mil hectares e produção de 231.000t, com rendimento médio de 570kg por hectare, segundo dados do IEA.

O cultivo de inverno, embora recente dentro calendário agrícola para feijão, colocando o produto no mercado no período de sua maior escassez, com constante aumento na área plantada e alcançando altos níveis de produtividade quando utiliza-se irrigação – rendimento médio de 1.800kg (30 sacas) por hectare – vem crescendo de importância no Estado de São

Paulo.

Este trabalho tem, assim, o objetivo geral de fazer uma análise do sistema de produção de feijão de inverno não irrigado no Estado de São Paulo, determinando os seus custos e servindo como indicador auxiliar às políticas ligadas ao Setor de Crédito Agrícola, às referentes ao Preço Mínimo e, também, para orientar os produtores e outros setores ligados ao processo produtivo, na tomada de decisão.

O levantamento foi realizado na DIRA de Presidente Prudente, onde o plantio se faz em Abril-Maio, em setembro p.p., correspondendo ao ano agrícola 1979/80; aí se concentra a maior área de feijão de inverno do Estado, embora a irrigação não seja prática comum na cultura. Coube a esta DIRA, em 1979, 50% da área do Estado, 28.800ha de área plantada com feijão de inverno e 41% da sua produção de inverno, 34.800t. Dentro da DIRA, optou-se pela Delegacia Agrícola de Presidente Venceslau, uma vez que cabe à mesma 40% da área plantada com essa cultura na DIRA, com uma produção de 6.112t. Os Municípios de Presidente Epitácio e Santo Anastácio foram os escolhidos para o estudo por serem os mais representativos na cultura de feijão de inverno nessa Delegacia Agrícola.

Segundo informações dos engenheiros agrônomos locais, a região se caracteriza pelo cultivo de feijão em pequenas áreas, em sua maioria conduzidos por arrendatários e posseiros, e rotacionado com algodão, amendoim e milho. Para o caso específico dos arrendatários, o algodão é o principal objetivo do arrendamento das terras, mas, estimulados pelos altos preços que o produto alcança no período de agosto a outubro, iniciaram o plantio de feijão, diminuindo assim a ociosidade da área arrendada.

Dentro da amostra intencional obtida, a categoria de produtores com maior freqüência foi a de posseiros (69%), seguida dos arrendatários (25%) e dos proprietários (6%). Em função desses percentuais, optou-se por estudar o cultivo dos posseiros. Utilizou-se, para cálculo dos custos, a metodologia de Custo Operacional ([1]), que se compõe de todos os itens enquadrados dentro do Custo Variável (ou despesas diretas) e alguns itens do Custo Fixo (indireto) – mais especificamente depreciação de máquinas de equipamentos e valor da mão-de-obra familiar. A diferença monetária, ou resíduo, entre a Receita Bruta e o Custo Operacional deverá remunerar o capital em terra, o capital em maquinaria e benfeitoria e, finalmente, o empresário.

([1]) Matsunaga, Minoru et alii. Metodologia de custo de produção utilizada pelo IEA. Agricultura em São Paulo, SP., 23 (1): 123-139, 1976.

O custo operacional para produção de um hectare de feijão foi de Cr$18.016,21 (quadro 1), com as seguintes participações percentuais : fertilizantes, 29,9%; despesas com operações, 27,3%; defensivos, 22,2% ; sementes, 13,2%; juros e depreciação de máquinas e equipamentos, 5,6%; e sacaria, 1,6%. Tomou-se como base de cálculo do coeficiente técnico para trator, uma máquina com 61HP.

Considerando-se que a categoria de arrendatários empregue o mesmo sistema de produção adotado pelos posseiros, deve-se acrescer ao custo total o valor de Cr$1.532,83, correspondente ao arrendamento de um hectare de terra.

A operação que apresentou maior utilização e, conseqüentemente , maior gasto de mão-de-obra foi a carpa – manutenção da cultura no limpo – seguida pela operação de pulverização – defesa sanitária da cultura – ; a mão-de-obra predominante na carpa foi a temporária, e nas pulverizações foi a residente e/ou familiar. A mão-de-obra familiar predominou em todas as operações, com exceção da colheita e da carpa, onde há o emprego de mão-de-obra temporária. Operações por empreita aparecem, principalmente, naquelas relativas ao preparo do solo e colheita, com participação da ordem de 40%.

O tamanho médio das propriedades analisadas foi de 12,6ha,com produtividade média de 9,5 sacas por hectare, tendo sido o preço médio recebido pelo agricultor de Cr$2.755,00 por saca de 60kg. Isto resultou numa receita bruta de Cr$26.172,50 por hectare e, portanto, num resíduo de Cr$8.156,29 para cobrir os gastos com taxas, impostos e conservação e depreciação de benfeitorias, além de remunerar os fatores fixos de produção – terra, capital e empresário.

O ano de 1980 apresentou-se excepcional para o preço de feijão, propiciando uma receita líquida elevada; isso poderá não ocorrer nos anos subseqüentes e, mesmo, não ser comum.

O grande problema que o feijão vem enfrentando atualmente está diretamente ligado à necessidade do aumento na produção, com vistas a atender à demanda, o que pode ser alcançado através do aumento do rendimento por área – produtividade –, pelo aumento da área plantada, ou pela conjugação de ambos.

Considerando-se que para a obtenção do aumento de produtividade há necessidade de emprego de tecnologia moderna de maneira adequada (fertilizantes, defensivos, semente melhorada e mecanização da cultura, entre outros) e sabendo-se que essa tecnologia aumenta os custos de produção por hectare, mesmo que o agricultor de feijão tenha possibilidade de adotá-la, provavelmente deixará essa cultura, face aos seus altos riscos climáticos e à sua instabilidade de preço,voltando-se para as culturas de exportação ou de energia, que no momento são amparadas por políticas governamentais melhor definidas, além de propiciarem rendimentos e preços mais estáveis.

QUADRO 1.- Estimativa de Custo Operacional e Exigência Física dos Fatores de Produção da Cultura de Feijão de Inverno Não Irrigado, Tração Motomecanizada, Um Hectare, Produção de 9,5sc. 60kg, DIRA de Presidente Prudente, Estado de São Paulo, Safra 1979/80

Item	Mão-de-obra		Trator	Roça-deira	Arado	Grade	Semead. adubad.	Pulverizador costal	Batedor	Total
	Comum	Tratorista								
A-Operação					(Dia de Serviço)					
Limpeza do terreno	-	0,33	0,33	0,33	-	-	-	-	-	
Aração	-	0,36	0,36	-	0,36	-	-	-	-	
Gradeação	-	0,20	0,20	-	-	0,20	-	-	-	
Plantio e adubação	-	0,18	0,18	-	-	-	0,18	-	-	
Adubação em cobertura	0,64	-	-	-	-	-	-	-	-	
Capina manual (2x)	10,00	-	-	-	-	-	-	-	-	
Pulverizações (4x)	3,08	-	-	-	-	-	-	3,08	-	
Arrancamento	2,60	-	-	-	-	-	-	-	-	
Batedura	0,47	0,14	0,14	-	-	-	-	-	0,14	
Total de dias	16,79	1,21	1,21	0,33	0,36	0,20	0,18	3,08	0,14	
Custo diário	210,00	280,00	859,59	80,37	65,18	140,33	69,82	5,42	153,65	
Despesas com operações	3.525,90	338,80	1.040,11	26,52	23,46	28,06	12,56	16,69	21,51	5.033,64
B-Material consumido			Quantidade		Preço		Valor			
Sementes			50 kg		47,00/kg		2.350,00			
Adubo (4-30-16)			0,206 t		21,086/t		4.343,72			
Adubo foliar			9,50 l		104,60/l		993,70			
Inseticida fosforado			2,83 l		967,50/l		2.738,03			
Fungicida			1,32 l		931,70/l		1.229,84			
Sacaria			10 un.		30,00/u		300,00			
Despesas com material										11.955,29
Custo operacional efetivo (A+B)										16.988,93
Depreciação de máquinas e equipamentos										335,43
Juros bancários										691,85
Custo operacional total										18.016,21

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

A utilização de irrigação no feijão traz aumentos consideráveis na produção, além de diminuir os riscos climáticos da cultura, tornando-se, portanto, uma prática tecnicamente viável. Cabe estudar se o custo da irrigação na cultura a torna economicamente viável.

Pelo exposto, observa-se que o preço de mercado, responsável pelo estímulo ao empresário de continuar a produzir ou de entrar na produção de feijão, pode ser considerado como um dos fatores prponderantes para que haja evolução no sistema de produção de feijão, no sentido de um aumento dos atuais índices de rendimento.